

A política de igualdad de género nas Forças Armadas Brasileiras: as primeiras aspirantes na Escola Naval.

Hercules Honorato.

Cita:

Hercules Honorato (2017). *A política de igualdade de gênero nas Forças Armadas Brasileiras: as primeiras aspirantes na Escola Naval. XXXI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/4072>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS
BRASILEIRAS: AS PRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL**

Hercules Guimarães Honorato

hghhma@gmail.com

Escola Naval

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da formação superior na Escola Naval (EN), instituição secular na formação de jovens oficiais da Marinha do Brasil que recebeu, em 2014, as primeiras doze mulheres graduandas, futuras bacharéis em Ciências Navais. Este estudo é de cunho qualitativo, bibliográfico exploratório, cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário, com perguntas abertas e fechadas, aplicado às alunas no período de adaptação à vida militar. O artigo está dividido em três seções principais: começamos por uma breve história sobre a mulher nas Forças Armadas brasileiras, em especial na Marinha; a segunda parte trata do período de adaptação à vida militar e dos valores que são ensinados; e a terceira é uma análise do instrumento de coletas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa. Espera-se que este estudo seja relevante para a construção de pontes sólidas no trato das futuras jovens que farão a opção de serem oficiais da Marinha, por intermédio do aquartelamento e da vida na caserna durante a sua graduação. O quartel tem por característica ser um território de homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e, como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança. O período deste estudo em questão é uma fase de transição brusca e intensa, uma verdadeira “peneira”, que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar. A pressão exercida, sob vários aspectos, faz parte de uma melhor preparação para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto militares, do ciclo escolar e da vida militar-naval. Procura-se, portanto, criar uma unidade coletiva e social em mais de 230 discentes, jovens de diferentes origens, mas que no coletivo, a princípio, não estão sentindo a questão de gênero, pois são antes de tudo militares com um único objetivo: receber as divisas de oficiais ao final de 2017. No



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

momento inicial de formação de um pequeno grupo de pioneiras, que representava 1,5% do total de discentes, verificou-se que elas começaram a conhecer as identidades sociais militares, o seu estilo de vida e os seus valores, conscientizadas sobre a profissão escolhida, de dedicação à Marinha e à Pátria, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca respaldo para uma Nação desenvolvida, forte, livre, unida, justa e soberana.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand the building of the social identity of the young military woman coming from Higher Education in the Naval Academy (NA), a secular institution in young officers formation of the Brazilian Navy, which received the first 12 undergraduate, future Bachelors in Naval Sciences. This study has a qualitative nature, an exploratory bibliographic research, whose data collection tool was a questionnaire, with open and closed questions, applied to female students during the military career adaptation period. The article is divided in three main sections: first, a brief story about women in the Brazilian Armed Forces, and specifically in the Navy; the second part is about the military career adaptation period and the instructed values; the final part is an analysis of the data collection tool and the characterization of the human subjects research. This study is supposed to be relevant enough for the construction of solid bridges in handling future young ladies who will opt to be Navy officers, by means of quartering and barrack during their graduation. The quarter is a male territory, specially because it involves risky activities, strength and full discipline rigor. The structural change in gender relations has been evolving considerably in recent years. As we are product of sociohistorical construction, once the opportunities are open, women are showing their value and ability of decision and leadership. The period of this study is an abrupt and intense transitional phase, a choice by elimination, actually, which aims leading those who are not intended or willing enough for the military career to quit. Exerted pressure is, in many ways, part of an improved preparation for a fulfilled activity



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

routine, either academic or military of the school years and the Navy career. It is in search of a collective and social unit among more than 230 students, youngsters of different origins, but as a team are not initially feeling gender aspects. Because they are, above all, military with an only goal: grant the officer insignia by the end of 2017. At the initial formation stage of a small group of pioneers, who represented 1,5% of the total students, it was observed they began to learn the social military identities, its lifestyle and values, and aware about the chosen career, of devotion to the Navy and the Motherland, not forgetting they are women and citizens, active members of a support demanding society for a developed, strong, free, united, fair and sovereign Nation.

Palavras-chave

Ensino Superior Militar. Escola Naval brasileira. Igualdade de gênero.

Keywords

Military Higher Education. Brazilian Naval Academy. Gender Equality.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano (Beauvoir, 1967, p.7).

A epígrafe acima foi retirada do primeiro parágrafo do livro “Segundo Sexo”, escrito por Simone de Beauvoir entre os anos de 1946 e 1948, com publicação inicial em 1949. A autora vivia numa época de término da Segunda Guerra Mundial e presenciou a recuperação de seu país, que fora dominado e dividido pelas potências em conflito. Poderíamos trazer e contextualizar a frase para os dias atuais, pois a luta pelo reconhecimento da mulher como força produtiva emancipada e participante ativa da sociedade contemporânea ainda é intensa e recente, com ganhos reconhecidos e retrocessos perceptíveis. A mulher é um ser à procura de deixar de ser apenas o Outro, procurando ser realmente o Sujeito, ativo e igual em todos os aspectos e atividades de nossa vida em sociedade.

Após a mutação dos hominídeos para os seres humanos, há cerca de 250 mil anos, a sociedade humana passou a se basear na caça e na coleta. Homens e mulheres dividiam o poder em sistema de “coletivo de iguais”, ou seja, por mais que houvesse divisão de tarefas, não havia um sistema hierarquizado entre eles. Do ponto de vista do gênero, portanto, existia igualdade, um poder partilhado, que Saffioti (2000, p.20) assevera:

Já está provado através dos estudos históricos que, na sociedade de caça e coleta, a mulher provê no mínimo 60% das necessidades da comunidade; a comida, por exemplo, em mais de 60% é oferecida pelas atividades de coleta desenvolvidas pelas mulheres. Os homens caçam, mas a caça não é uma atividade cotidiana, é uma atividade que ocorre uma ou duas vezes por semana; ele provê cerca entre 30 a 40% das necessidades da comunidade. Por aí já se vê que a situação da mulher não é a mesma em todas as sociedades e que a dominação masculina é um caso específico, um caso histórico dentro de um esquema de divisão do poder mais igualitário.

O que se acredita, portanto, é que tanto os homens quanto as mulheres podem



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

executar diferentes tipos de trabalhos e ser iguais, assim como podem desempenhar funções idênticas e ser desiguais; como Farr e Chitiga (1991, citado em Macêdo & Macedo, 2004, p.83) argumentam, “o problema não se refere tanto sobre quem faz o quê, mas quem define os papéis do outro e se, tanto homens quanto mulheres, têm escolha”. Com o passar dos séculos, observa-se o aumento da participação das mulheres em ocupações profissionais tradicionalmente masculinas como pano de fundo para uma efetiva igualdade de oportunidades entre ambos os sexos.

A via de entrada para as mulheres no ambiente militar naval era posterior à sua graduação e em áreas de apoio à saúde ou administrativas. Assim, depois de mais de 30 anos em que as primeiras mulheres ingressaram nas fileiras da Marinha, em 2014, pela primeira vez passaram a pisar o solo histórico da Ilha de Villegagnon, sede desde 1938 da Escola Naval (EN), doze Aspirantes¹ no seu Curso de Graduação, futuras bacharéis em “Ciências Navais”. Estas pioneiras na formação militar superior na MB, representavam cerca de 1,5% do total de discentes da Instituição.

O objetivo deste artigo, portanto, é compreender a construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da formação superior na EN, por via do seu aquartelamento. Para o atingimento do objetivo colimado, este artigo está dividido em três seções principais para sua análise e discussão: começamos por uma breve história sobre a mulher nas Forças Armadas brasileiras, em especial na Marinha; a segunda parte trata do período de adaptação à vida militar e dos valores que são ensinados; e a terceira é uma análise do instrumento de coletas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa.

¹ Aspirantes - como são denominados os alunos graduandos da Escola Naval.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico

O referencial teórico contou com as publicações internas da Escola Naval, além da legislação pertinente ao início da proposta de efetivação das mulheres nas Forças Armadas brasileiras. Em relação à história das mulheres nas fileiras militares, os seguintes autores deram o aporte necessário: Takahashi (2002), em sua tese de doutoramento sobre a entrada das primeiras cadetes na Academia da Força Aérea brasileira; Santos (2006) expõe suas preocupações quando da efetivação das primeiras mulheres pilotos na Força Aérea; Mendes (2010) e Andrada e Peres (2012) em seus estudos históricos sobre a inclusão das primeiras mulheres nas Forças Armadas, situação ocorrida na Marinha do Brasil.

No trato direto das relações de gênero e das mulheres militares, foram analisados os estudos de Saffioti (2000), Macêdo e Macedo (2004) e da professora portuguesa Helena Carreiras (2004), esta que realizou suas pesquisas em países europeus que tinham em suas fileiras mulheres combatentes. Os conceitos desenvolvidos neste artigo sobre os valores militares e as situações apresentadas durante o chamado período de adaptação à vida militar foram respaldados pelo estudo antropológico de Celso Castro (2004) na Academia Militar das Agulhas Negras, instituição de formação dos oficiais do Exército Brasileiro, além de Schirmer (2007) e Ribas e Rodrigues (2009), que demonstram com clareza a necessidade de um nivelamento entre o coletivo de futuros alunos militares.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

A abordagem dessa investigação é de cunho qualitativo, com pesquisa documental e bibliográfica como técnicas iniciais exploratórias e com dados de pesquisa longitudinais, visto que acompanharemos as doze novas Aspirantes durante sua formação acadêmica, da qual sairão Guardas-Marinha em dezembro de 2017. A escolha da pesquisa qualitativa teve como escopo a ênfase na interpretação, “na compreensão das motivações, culturas, valores, ideologias, crenças e sentimentos que movem os sujeitos, que dão significado à realidade estudada e não aos fatos observáveis e passíveis de serem medidos estatisticamente” (Ivenicki & Canen, 2016, p.11). Conforme esses autores, a análise documental é um exemplo da metodologia qualitativa, na qual o pesquisador mergulha sobre fontes escritas.

A ideia precípua é procurarmos compreender a formação da construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da graduação superior via aquartelamento. Para a elaboração deste artigo, o período inicial de coleta de dados foi o da adaptação, que ocorreu no mês de janeiro de 2014, e o instrumento de coleta foi um questionário com perguntas abertas e fechadas às adaptandas².

² Adaptandos (as) - termo que designa o futuro Aspirante durante o período compreendido entre sua apresentação e a sua matrícula no ciclo escolar (Escola Naval, 2014, p.1.1).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análises e discussão de dados

Breve história da mulher nas Forças Armadas brasileiras

Em 24 de outubro de 1979, o então Senador da República por São Paulo, senhor Orestes Quércia, submeteu um Projeto de Lei do Senado [PLS] de nº 323 que tratava do ingresso voluntário de mulheres nas academias militares de nível superior. O projeto, em seu artigo 1º, ainda reservava um percentual de vagas para candidatos do sexo feminino (PLS, 1979). Em 28 de novembro de 1979, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado, por intermédio do seu parecer nº 20, rejeitou o referido projeto, argumentando que o mesmo era inconstitucional, pois era prerrogativa do Presidente da República dispor sobre a estruturação, atribuições e funcionamento dos órgãos da administração federal (Parecer, 1980, p.1).

À época, a Marinha crescia com a aquisição no exterior e com a construção no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro de modernas Fragatas da Classe “Niterói”, entre outros meios operativos, além de mobiliar, com mão de obra de nível técnico e universitário, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém-inaugurado, que incluía também o Hospital Naval Marcílio Dias.

Aproveitando-se da ideia das mulheres nas Forças Armadas e da necessidade de liberar o militar operativo para as “atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do Poder Naval” (Mendes, 2010, p.1), em 7 de julho de 1980, com a promulgação da Lei nº 6.807, foi criado pelo então Ministro da Marinha, o Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva, composto por um quadro de Oficiais e outro de Praças (Andrada & Peres, 2012). 30 anos após esse ato importante, em 2014, pela primeira vez, passaram a fazer parte do quadro de discente da EN, doze jovens brasileiras, pioneiras na formação superior na Marinha, futuras oficiais do Corpo de Intendentes e bacharéis em “Ciências Navais”.

A Força Aérea Brasileira admitiu o ingresso de mulheres em 1982, inicialmente em atividades administrativas e na área da saúde, similar ao realizado pela MB. Em 1996,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

utilizando o mandamento constitucional de que “homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades” (Takahashi, 2002, p.135), o então Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Mauro Gandra, admitiu na Academia da Força Aérea (AFA) as primeiras mulheres em curso de formação superior, no quadro de Intendência, para o “recebimento de uma formação acadêmico-militar idêntica à dos homens em curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato” (Takahashi, 2002, p.135). A partir de 2002, a possibilidade profissional das mulheres nessa Academia foi ampliada, com a opção, durante o concurso de admissão, para o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores, que, segundo Santos (2006, p.38), “destina-se a aumentar a participação feminina no curso, compensado o fato de que não há vagas para mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de onde provém a maior parte dos Cadetes Aviadores da AFA”.

Não obstante, no Exército Brasileiro foi criado um Quadro Complementar de Oficiais em 1990. “Diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, as mulheres ficaram reunidas num quadro à parte, no Exército foi criado o Quadro de Oficiais Auxiliares, composto por homens e mulheres, para o exercício de funções técnicas” (Andrada & Peres, 2012, p.36). Em seguida, a Lei nº 12.705, de 08 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, em seu artigo 7º, determina que “o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei”. Desse modo, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército está ultimando obras em suas instalações para o recebimento, a partir de 2017, das primeiras mulheres para um curso regular da carreira militar da Força³, nos quadros de Material Bélico e Intendência.

Os valores militares

A caserna tem por característica ser um território de homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. Carreiras (2004, p.91)

³ Recuperado em 26 de setembro de 2014, de http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/03/ig_paulista/164113-espccx-prepara-as-primeiras-mulheres-combatentes-do-brasil.html



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

argumenta que, apesar dessa tentativa atual de “equalização estatutária entre militares de ambos os sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas de funções relacionadas com o combate”. Porém, uma vez que as oportunidades foram abertas, “as mulheres estão demonstrando sua alta capacidade de decisão, autonomia e comando [...] os desafios agora são o pleno acesso das mulheres às atividades de risco e às mais altas funções de comando e de decisão” (Andrada & Peres, 2012, pp.14-15).

É importante realçar que a base do trabalho, em qualquer organização, inclusive a militar, é formada pelos seus valores, que norteiam também os objetivos pessoais e, conseqüentemente, devem estar em consonância com os princípios e valores organizacionais, que servirão de base para melhorar a eficiência do trabalho, sendo necessário o alinhamento dos objetivos dos trabalhadores aos da empresa, orientando ambos a uma direção com o mesmo fim (Ribas & Rodrigues, 2009). Os valores organizacionais dizem respeito ao comportamento desejado do indivíduo em relação ao seu ambiente de trabalho e também servem como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua instituição, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais.

Castro (2004, p.15) argumenta, em seu estudo antropológico na Academia Militar das Agulhas Negras, que “o Cadete vive um processo de socialização profissional durante o qual deve aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar. [...] é na interação com outros cadetes e com os Oficiais que ele aprende como é ser militar”. Dornsbuch (1995 como citado em Castro, 2004, p.35), afirma ainda que as “academias militares constituem-se no ‘exemplo extremo’ de uma ‘instituição assimiladora’: ‘Ela isola os cadetes do mundo de fora, ajuda-nos a se identificar com um novo papel, e, assim, muda sua auto-concepção’”. Nesse isolamento, os novos cadetes começam a conhecer os valores e virtudes dos militares, em especial a hierarquia e a disciplina, binômio estrutural da vida na caserna.

Schirmer (2007) apresenta-nos trinta virtudes da carreira das armas, e, para



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

representar esse período de assimilação da vida militar dos jovens e das jovens, podemos pinçar inicialmente a “camaradagem” e o “espírito militar”. O espírito militar, segundo esse autor, pode ser resumido como a exaltação ao sentimento do dever que emana em prol da sociedade, o respeito à disciplina, a abnegação, a lealdade e a coragem física e moral, e “é a fonte onde o soldado busca o bálsamo a ser derramado nas chagas abertas pelas inevitáveis adversidades da vida castrense” (Schirmer, 2007, p.31).

E assim, entraram, em janeiro de 2014, pela ponte principal da Ilha de Villegagnon, para o período de adaptação, vestidos de calça jeans, camiseta e tênis branco, 236 jovens brasileiros, homens e mulheres, em busca do sonho de serem os novos “Sentinelas dos Mares”⁴ do glorioso Brasil.

O estágio de adaptação à vida militar

O período de adaptação é uma fase de transição brusca e intensa, como afirma Castro (2004, p.19), “uma ‘peneira’ que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar”. É um período no qual os novatos não têm tempo nem para pensar, com todos os momentos ocupados por alguma atividade, das físicas e militares até as burocráticas. Segundo esse autor, a preocupação dos oficiais é “‘homogeneizar’ os cadetes o mais rapidamente possível em relação ao nível de formação militar, e [...] dão à intensidade do processo de socialização profissional militar, combinado ao fato de que esse processo ocorre em relativo isolamento ou autonomia” (Castro, 2004, pp. 24-34). Os primeiros passos na carreira militar começa.

Todo militar da Marinha, com certeza, se lembra do Estágio de Adaptação que realizou em Villegagnon. Aos adaptadores cabe o papel de apresentar não só o rigor da vida militar, mas também o de penalizar todo o grupo pelos pequenos deslizes de um único membro, como forma de fomentar a união entre eles. Desse modo, um se torna responsável pelo bem-estar dos demais, o que, mais tarde, culminará na criação de um espírito de turma e de corpo, valores doutrinados e intrínsecos na carreira de todos os

⁴ Sentinelas dos Mares - como também são conhecidos os Aspirantes (alunos) da EN.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

militares.

O Estágio da Adaptação é regulado internamente por norma interna do Comando do Corpo de Aspirantes da Escola Naval (EN, 2014, p.1-1) e visa a “definir responsabilidades e estabelecer normas para o planejamento, execução e controle das atividades referentes ao Estágio de Adaptação de candidatos a Aspirantes”. Ele é bem regulado com um quadro de trabalho semanal, planos das diversas aulas, procedimentos para o recebimento de uniformes, livros, censo odontológico etc.

Análise do instrumento de coletas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa

O questionário foi composto de duas partes: a primeira trata da origem social e da escolarização; a segunda, das expectativas quanto à profissão escolhida. A identidade das respondentes foi preservada e as respostas, quando mencionadas, são discriminadas pelo código alfanumérico de “Asp.1” a “Asp.12”, escolhidos aleatoriamente, independentemente de classificação de entrada dentro da turma de novatos.

Na primeira parte, que trata da vida acadêmica e familiar da Aspirante, podemos iluminar que elas, em sua maioria, são do estado do Rio de Janeiro, e oito realizaram o ensino médio em instituição pública, sendo que cinco foram oriundas de algum Colégio Militar. Cinco respondentes têm os pais com a origem militar. Na pergunta que tratava de avaliar a opinião dos familiares a respeito da escolha de uma profissão militar, a resposta foi unânime, o apoio total da família e, como afirmam em suas respostas, “*se orgulham de eu ter ingressado na Marinha e me apoiam nessa escolha*” (Asp.4); ou “*eles se dizem muito orgulhosos da minha brilhante escolha*” (Asp.5); ou ainda “*me apoiam totalmente e valorizam muito minha escolha*” (Asp.8).

Uma pergunta procurou ser o termômetro do que as futuras Aspirantes pensavam quando estavam vivenciando o Estágio de Adaptação. A questão foi direta ao tema de desistir e pedir para sair, mas a resposta “não” foi repetidamente escrita, inclusive a Aspirante 4 asseverou “*estava focada no meu objetivo*”, o que foi ratificado pela Aspirante 5, “*Não, nenhuma vez, inclusive, sempre que as meninas choravam na adaptação eu dava muita força e apoio*”. Pode-se verificar que o espírito de corpo e o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

companheirismo já estavam sendo cultivados entre o pequeno grupo de adaptandas.

Uma pergunta avaliou a relação delas com o universo masculino na EN. Um falaram que o ambiente estava tranquilo, outras de muito respeito, ou mesmo normal, “*os Aspirantes (meus companheiros de turma) me aceitaram bem na turma, sobre os Oficiais, às vezes parece que cobram de mim por eu ser mulher*” (Asp.3). A Aspirante 11 confirma que é uma ótima relação, “*com muito respeito e companheirismo*”, o que é ratificado pela Aspirante 12: “*muito boa, eles nos receberam sem nenhuma discriminação e ficamos gratas por isso*”. As brincadeiras no grupo, desde que sadias, fazem com que a relação de amizade floresça, pois sempre que um apelido amigo e aceito é atribuído a um colega, todos passam a reconhecer na pessoa o carinho e a descontração existente intragrupo.

Em relação às perguntas sobre as expectativas quanto à profissão escolhida, uma procurou entender o que as jovens, futuras tenentes intendentess, esperam no trato com o ambiente masculino das unidades militares para as quais forem designadas depois de formadas. Todas as respostas mostraram que elas são maduras e responsáveis e acreditam que vão lidar tanto com os Oficiais e Praças da mesma maneira como estão aprendendo na EN: “*com respeito e cordialidade*” (Asp.4); “*mantendo a compostura, mostrando aos militares que nós também podemos ser excelentes Oficiais*” (Asp.1); e “*com muita postura e profissionalismo no ambiente de trabalho; ética e respeito de um para com outro*” (Asp.5).

Uma questão procurou avaliar, nesse início na vida militar e no período de adaptação, qual seria o seu maior desafio. Algumas responderam, já pensando no período do ciclo escolar, como a Aspirante 3, que está preocupada com a parte da educação física; ou a Aspirante 4, com o nível de dificuldade acadêmico; ou ainda a Aspirante 9, com “*organizar sempre o meu tempo para conseguir fazer tudo o que é preciso*”, ou a sinceridade da Aspirante 7, apreensiva em “*superar minha timidez*”; ou até mesmo a Aspirante 2, que não sabe qual será o seu maior desafio. Duas interessantes respostas foram dadas pelas Aspirante 8, “*conciliar minha família com minha vida*



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

profissional”, e pela Aspirante 12, “distância da família quando embarcar por muito tempo em viagens longas”.

Tendo este artigo o foco no Estágio de Adaptação, uma pergunta procurou colher sugestões para a sua melhoria. A Aspirante 4 sugeriu *“visitações a ambientes onde trabalham os Oficiais da Intendência, do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais”*, o que não acontece nesse período em questão, mas sim durante o ano acadêmico nas chamadas Práticas Profissionais Navais (PPN). A Aspirante 2 argumentou sobre a necessidade de *“mais instrução sobre o uso do uniforme”*. Quatro respondentes foram enfáticas em realçar a necessidade de mais tempo para *“higiene pessoal”* e *“poder lavar as mãos antes das refeições”*.

A última questão que será exposta trata sobre a escolha pela MB e se elas tinham alguma noção acerca da profissão escolhida, ou seja, de ser uma Oficial do Corpo de Intendentes da Marinha. Três responderam simplesmente que *“não”* e quatro *“um pouco”*, inclusive uma delas fez uma pesquisa sobre a formação das mulheres intendentess na AFA. Seis responderam que *“sim”*. A Aspirante 5 explicou que, pelo fato de *“ter passado para as duas Marinhas (Mercante e de Guerra), pesquisei muito sobre ambas e inclusive conversei com os Aspirantes já formados”*.

O período da realização da coleta das respostas foi ao final do estágio, o que demonstra que algumas respostas já estavam revestidas de relações positivas no trato do grupo entre os seus integrantes. Mesmo assim, é sabido que a pouca experiência dos discentes no meio militar, principalmente dos adaptandos oriundos do concurso público ou mesmo daqueles que não fizeram o seu ensino médio em um dos Colégios Militares, sempre será mais sentida por qualquer jovem, seja homem ou mulher, o que pode ser corroborado pelas palavras da Aspirante 3 sobre o estágio: *“eu me sairia melhor se soubesse mais ou menos como seria. Não estava nem um pouco preparada quando cheguei aqui”*.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Existe um aumento da participação das mulheres em diversas ocupações profissionais, até pouco tempo notadamente masculinas. Nós, brasileiros, tivemos uma Presidente da República eleita em 2010, uma Almirante promovida em novembro de 2012, temos mulheres trabalhando na construção civil, como motoristas de ônibus e até em aviões de combate. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança.

O Aspirante recém-admitido na Escola Naval é tradicionalmente chamado de calouro. A pressão exercida nesse período em questão, com exercícios físicos, treinamentos militares e muita informação sobre a carreira e a cultura naval, faz parte de melhor prepará-los para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto militares, do ciclo escolar e da vida militar naval. É um período em que não dá para parar e pensar, o tempo todo é ocupado. Ao final, procura-se criar uma unidade coletiva e social em mais de 230 jovens de diferentes origens, mas que no conjunto, e a partir do início do caminhar acadêmico, não sentiram a questão de gênero, pois são antes de tudo militares e com um único objetivo, como bem participado em sua fala o Aspirante 9: serem declaradas oficiais, e no futuro, *“alcançar a patente mais alta e ser muito respeitada por fazer parte da primeira turma de mulheres da Escola Naval”*.

Portanto, no momento de formação de um pequeno grupo de pioneiras, as Aspirantes começaram a conhecer as representações sociais militares, estão descobrindo sua vocação, aprendem o estilo de vida da tropa e os valores militares. Além disso, estão conscientes sobre os comportamentos desejáveis que deverão seguir na profissão castrense, de dedicação à Força, à Pátria, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca, em suas cores e ações, respaldo para uma Nação desenvolvida, forte, livre, unida, justa e soberana.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este autor foi convidado a fazer uma palestra para a turma de Aspirantes na disciplina de Cultura Organizacional Militar. Aproveitamos a oportunidade e construímos uma dinâmica ao final da aula. As mulheres teriam que responder a uma pergunta. Do início da adaptação até agora, que mudanças internas e externas, como pessoa e como militares, elas puderam perceber? As respostas foram interessantes e importantes e estão transcritas a seguir por intermédio de uma costura textual; os aspectos foram, em certa medida, discutidos neste artigo.

"Ingressei na Marinha do Brasil, sem experiência nenhuma do que era militarismo e muito menos do que era ser militar. Foi um período difícil o da adaptação, onde aprendi a resolver os problemas tantos meus quanto das pessoas que estão ao meu redor. Eu era muito imatura e tímida, passei a ser uma pessoa mais organizada, mais responsável, mais segura, aprendi a cumprir ordens sem questionamentos, também a camaradagem todos os dias de nossa formação e a desenvolver novas aptidões. Outro ponto é o meu lado esportivo, o qual eu não tinha desenvolvido até então, hoje pratico esporte e gostaria de estar sempre praticando. São muitas as dificuldades, muitas mesmo, mas encontrar a cada dia um motivo profissional para ficar é satisfatório demais, pois estou crescendo e melhorando. Já pensei em desistir, uma vez que a rotina é exaustiva, mas, de alguma forma, eu sinto que aqui é meu lugar. Estou aprendendo a ser feliz aqui e, pelo que eu vi até agora do CIM, eu acho que fiz a escolha certa em vir para a Escola Naval como Intendente. Eu tinha apenas duas irmãs, eu ganhei mais 11 irmãs e 261 irmãos e companheiros de turma".



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Andrada, S. A. de & Peres, H. M. (2012). *Mulheres a Bordo: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil*. Rio de Janeiro: Hmpers & Associados.
- Beauvoir, S. de. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida* (S. Millet, trad.) (2a ed.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro. Recuperado em 01 de abril de 2015, de <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf>
- Carreiras, H. (2004). Mulheres em contextos atípicos: Lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas Forças Armadas. *Etnográfica*, VIII(1), 91-115.
- Castro, C. (2004). *O Espírito Militar: um antropólogo na caserna*. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Escola Naval [EN]. (2014). *Normas do Comando do Corpo de Aspirantes*. EN-30. Cap.1. Rev.5, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil.
- Ivenicki, A. & Canen, A. (2016). *Metodologia da pesquisa: rompendo fronteiras curriculares*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna.
- Lei nº 6.807*. (1980, 07 de julho). Brasília, DF. Recuperado em 22 de julho de 2017, de <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6807-7-julho-1980-357060-norma-pl.html>
- Lei nº 12.705*. (2012, 08 de agosto). Brasília, DF. Recuperado em 21 de maio de 2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12705.htm
- Macêdo, G. S. & Macedo, K. B. (2004). As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. *Revista Psicologia*, 4(1), 81-90. Recuperado em 02 de abril de 2015, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v4n1/v4n1a04.pdf>
- Mendes, L. C. K. B. (2010). *Subsídios sobre a presença da mulher na MB*. Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha.
- Parecer n. 20*. (1980, de 26 de maio). Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF.
- Projeto de lei do Senado n. 323*. (1979, 24 de outubro). Serviço de Atendimento ao



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF.

Ribas, F. T. T. & Rodrigues, C. M. C. (2009). Valores organizacionais declarados e implantados: uma percepção entre o real e o desejado. *Revista Ibero-americana de Engenharia Industrial*, 1(2), 43-60.

Saffioti, H. (2000). O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In A. B. Motta, C. Sardenberg & M. Gomes (Orgs.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. (Coleção Bahianas; 5). Salvador: NEIM/UFBA, parte I, 15-39.

Santos, A. C. A. dos. (2006). O empenho de Aviadoras na Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira. *Revista UNIFA*, 18(21), 35-47.

Schirmer, P. (2007). *Das Virtudes Militares*. Rio de Janeiro: BIBLIEX.

Takahashi, E. E. (2002). *Homens e Mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.